



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12163 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

EDUCAÇÃO INFANTIL E PANDEMIA: A FORMAÇÃO SE DÁ NO ENCONTRO

Marta Nidia Varella Gomes Maia - UFF - Universidade Federal Fluminense

Ana Lúcia Tarouquella Schilke - FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Greice Duarte de Brito Silva - UFF - Universidade Federal Fluminense

O momento era tragicamente novo. Cotidianos virados de ponta-cabeça. Medos, tristezas, vulnerabilidades. No campo da educação das infâncias, instituições fechadas, crianças conviviam com a luta de seus pais e responsáveis pela sobrevivência durante a pandemia de Covid-19. Como estavam professores e professoras? Com demandas e desafios imensos! De uma hora para outra precisaram aprender a cuidar-educar pelas telas... Isolados, compartilhavam pelas redes sociais as dificuldades com a ausência das crianças e colegas. Pouco a pouco, buscavam alternativas, disponíveis às aprendizagens do contexto. O presente trabalho concentra-se nos processos vividos por um grupo de profissionais que trabalham no campo da educação infantil em diferentes instâncias e que, coletivamente, teceu um caminho para sair do isolamento imposto pela pandemia e compartilhar dimensões da vida e do trabalho com as infâncias. Pelo seu caráter agregador, o grupo se fez um Coletivo, por meio de encontros virtuais abertos, sustentado pela dialética ação-reflexão-ação dos sujeitos que por ele transitaram/transitam e, assim, o constituíram/constituem. Como movimento autogerido, acolhendo diversas vozes, experiências e saberes de profissionais com diferentes formações, vínculos e lugares de atuação, fez-se, também, um espaço de pesquisa, na interlocução viva e comprometida entre universidade pública e Educação Básica, de modo a contribuir para a construção de conhecimentos socialmente referenciados, elaborados em diálogo com os sujeitos implicados. A experiência do Coletivo, nomeada a partir do caminhar como pesquisa-formação, dialoga com a perspectiva teórica de Nóvoa e colaboradores (2007) ao trazer a importância da análise sistemática das práticas coletivas em situações de formação, que convoca os profissionais a ocuparem o lugar simultaneamente de formador e formando. Compreende, com Maia (2018), que a relação e o impacto cotidianos entre o conhecimento produzido academicamente e a realidade social, é um dos elementos que deve guiar a pesquisa-formação, assumindo o compromisso de, coletivamente, responder aos desafios

trazidos/vividos pelo grupo, a partir de um franco encontro entre diversos saberes/fazer. Dentre as questões que foram pautadas e discutidas ao longo de encontros, realizados virtualmente pela plataforma *Google Meet*, com periodicidade semanal (quando as escolas estavam em trabalho remoto) e quinzenalmente (quando as escolas começaram a retornar ao presencial), destacamos a ausência de orientações oficiais no início do isolamento físico-social, enquanto as mídias questionavam sobre quando e como seria o retorno às atividades presenciais nas escolas. Ali estava uma decisão complexa, que envolvia a segurança sanitária, mas também a economia e a política. Diferentes ideias sobre o assunto transitaram nas mídias e, de forma mais hegemônica, foram defendidas propostas de retorno que rompiam com conquistas históricas da área, consolidadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009). Propostas que primavam pela ausência de interações físicas e restrições às interações em geral, que limitavam a movimentação individual em espaços de 3 a 4 m², organizadas em atividades individuais dirigidas pelos adultos em espaços e tempos com absoluto controle dos corpos. Como pensar uma educação para as infâncias durante e pós-pandemia, garantindo os princípios éticos, estéticos e políticos? Ao longo de mais de dois anos do grupo, o caráter formativo se evidenciou e, no campo investigativo, se formalizou a pesquisa, que assume metodologicamente a produção de dados por meio de dois instrumentos: a) questionários semiestruturados, disponibilizados em formato digital; b) vídeo-gravações dos encontros. Para o presente trabalho, apresentamos dados parciais. Até o momento, foram realizados 39 encontros síncronos e 10 *lives* transmitidas pelo *Facebook*, cujos temas transitaram entre pandemia, riscos, cuidados, protocolos; encontros virtuais; retorno presencial; direitos das crianças. Atualmente, os temas têm se concentrado na partilha de diferentes e criativas formas de estar com as crianças coletivamente e na centralidade. Referente ao perfil de participantes e sua frequência, os encontros contaram com a presença de 20 até 110 participantes, quase a totalidade de mulheres, sendo mais de 60% professoras de Educação Infantil de redes públicas, seguido de pedagogas/coordenadoras pedagógicas, diretoras e professoras do ensino superior, além de profissionais de diferentes funções nas escolas. 90% trabalham e moram na região metropolitana do Rio de Janeiro, havendo participantes de outras regiões do estado e de outros estados. Quanto à contribuição dos encontros, as participantes que responderam avaliam, em sua totalidade, que ofereceram apoio para a reflexão sobre o contexto pandêmico e trouxeram temas que foram contributos para a sua formação profissional. Da dinâmica dos encontros, foram destacados aspectos, tais como: a horizontalidade do diálogo, a liberdade de expressão, a troca de experiências e reflexões sobre a prática cotidiana, consideradas características de uma proposta formativa singular. As diversas vozes que ecoam no grupo, identificam o Coletivo como espaço formativo entre pares, como um processo de escuta que, como nos ensina Freire (2017, p. 33): “envolve perceber o ponto de vista do outro (diferente ou similar ao nosso), abrir-se para o entendimento de sua hipótese, identificar-se para compreensão do seu desejo”. Acompanhando os dados textualizados das gravações dos encontros, observa-se que, mesmo quando o tema falava sobre as aflições, quanto a um possível retorno precoce, quando a imposição do “ensino” remoto se estabeleceu ou o retorno presencial foi iniciado, era a Educação Infantil e as suas práticas com as crianças que estavam sob análise e estudo entre

aqueles que se encontravam em rede, ainda que virtual. Através das narrativas das diferentes experiências, a constituição de uma possibilidade formativa se revelou e se afirmou: a circularidade da palavra, que proporciona “um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história” (FREIRE, 2017, p. 46). Na roda de conversa, forma de trabalho que o Coletivo teceu, todos e todas têm acolhimento, em suas narrativas, saberes e fazeres; são instados a elaborá-las no encontro com a narrativa dos pares, tecendo uma relação que pressupõe a escuta, das formas de compreender o trabalho com as crianças com o intuito de promover novas e mais elaboradas percepções sobre a área. Nessa dinâmica, com um modo de pensar circularmente (OSTETTO, 2009), tomamos o círculo e suas qualidades – integração, acolhimento, unidade na diversidade – como princípio. Circulando, o movimento do Coletivo vem oportunizando a problematização das condições de trabalho, das propostas pedagógicas e dos desafios potencializados a partir da pandemia. Como revelam as percepções anunciadas pelas participantes em um dos encontros, estar em diálogo, no coletivo, é afirmar: autoria - compromisso - envolvimento - busca- sonho - empatia. O cultivo de narrativas encharcadas de vida e esperança, gotejam a necessidade de novos encontros e outra formação para projetar e realizar uma Educação Infantil comprometida primeiramente com as crianças.

Palavras-chave: Formação; Prática docente; Educação Infantil; Pandemia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2009.

FREIRE, M. Educador, Educa a dor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

MAIA, M. Sobrevoos e trilhas da pesquisa: caminhos para olhar a educação infantil. Educação em foco, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 592-607, Mai/ago 2018.

NÓVOA, A. (Coord). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

OSTETTO, L. Na dança e na educação: o círculo como princípio. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 35, p. 177-193, 2009.